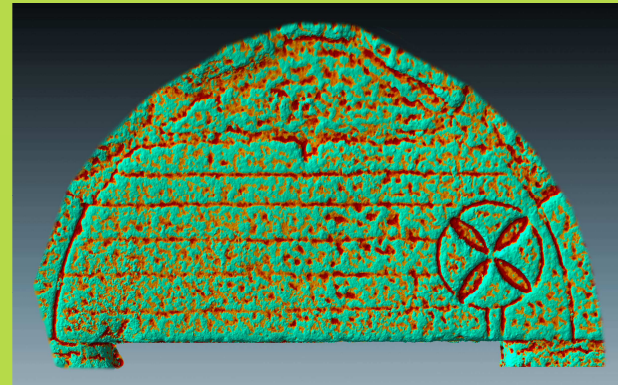


## NOVOS ELEMENTOS SOBRE O CASTELO DE RÓDÃO

New information about the castle of Ródão

Francisco Henriques, Carlos Neto de Carvalho,  
Hugo Pires e João Carlos Caninas



Vila Velha de Ródão, 2015

## NOVOS ELEMENTOS SOBRE O CASTELO DE RÓDÃO (VILA VELHA DE RÓDÃO)

### New information about the castle of Ródão

Francisco Henriques<sup>1</sup>, Carlos Neto de Carvalho<sup>2</sup>, Hugo Pires<sup>3</sup>  
e João Carlos Caninas<sup>4</sup>

**Palavras-chave:** torre de vigia; cruz templária; marca de canteiro; material de construção (granito); modelo do resíduo morfológico; medieval; Castelo de Ródão; Castelejo de Gardete; Vila Velha de Ródão

**Keywords:** watchtower; cross of the Order of the Temple; stonemason's signatures; building material (granite); morphological residual model; medieval; Castelo de Ródão; Castelejo de Gardete; Vila Velha de Ródão

<sup>1</sup> Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo. [fjhenriq@gmail.com](mailto:fjhenriq@gmail.com)

<sup>2</sup> Geólogo. Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – Geoparque Mundial UNESCO. [carlos.praedichnia@gmail.com](mailto:carlos.praedichnia@gmail.com)

<sup>3</sup> Topógrafo especializado em registo gráfico do património e investigador científico em diversos projectos nacionais e internacionais. [mighapagnan@gmail.com](mailto:mighapagnan@gmail.com)

<sup>4</sup> Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo. CHAIA-Universidade de Évora. [emerita.portugal@gmail.com](mailto:emerita.portugal@gmail.com)

## Resumo

Neste texto discute-se a origem das cantarias de granito utilizadas na construção do Castelo de Ródão, uma torre de vigia envolvida por muralha, situada sobre o rio Tejo, nas Portas de Ródão.

Com a aplicação do modelo do resíduo morfológico pretendeu-se identificar vestígios de eventual inscrição no tímpano da porta daquela torre, sobre o qual foi gravada uma cruz da Ordem do Templo.

Abordam-se outras questões com a presença de marcas de canteiro e lendas associadas àquela construção.

## Abstract

In this paper we discuss the origin of the granite used in the construction of Castelo de Ródão, a watchtower surrounded by defensive wall, located on the Tagus River on Portas de Ródão.

With the application of the morphological residual model we intended to identify traces of a possible inscription in the door tympanum of this tower, on which a cross of the Temple has been recorded.

We address other issues, namely the presence of stonemason signatures and legends associated with that construction.

## Introdução

Em 1988 a Associação de Estudos do Alto Tejo (Núcleo Regional de Investigação Arqueológica) elaborou uma proposta para a classificação do Castelo de Ródão e da capela da Senhora do Castelo (Caninas e Henriques, 1988) a pedido da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão. O empenhamento do então presidente da Câmara Municipal, Inspector José Batista Martins, na valorização do património cultural resultou na classificação daquele conjunto de monumentos como Imóvel de Interesse Público através do Decreto nº 45/93 de 30 de Novembro.

Anos mais tarde o texto que serviu de suporte àquela classificação foi melhorado e aumentado com uma proposta de valorização daquele conjunto e do espaço envolvente (Portas de Ródão), tendo sido publicado na revista cultural do concelho de Marvão por convite do Prof. Doutor Jorge de Oliveira (Caninas, Henriques & Gouveia, 1997).

Em 2006 este documento serviu de suporte aos projecto *Vamba - Valorização do Castelo de Ródão, da Capela da Senhora do Castelo e Zona Envolvente*<sup>5</sup>.

As notas seguintes são aportes recentes ao conhecimento da torre que integra a referida construção militar, fruto, essencialmente, do uso de novas

<sup>5</sup> Ver  
[https://www.academia.edu/13281661/PROJECTO\\_VAMBA\\_Valoriza%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Castelo\\_de\\_R%C3%B3d%C3%A3o\\_da\\_Capela\\_da\\_Senhora\\_do\\_Castelo\\_e\\_Zona\\_Envolvente](https://www.academia.edu/13281661/PROJECTO_VAMBA_Valoriza%C3%A7%C3%A3o_do_Castelo_de_R%C3%B3d%C3%A3o_da_Capela_da_Senhora_do_Castelo_e_Zona_Envolvente)

tecnologias de representação gráfica. Resultam também de uma tentativa de encontrar respostas para algumas perguntas que há anos colocávamos sobre esta estrutura, nomeadamente, a origem das cantarias de granito.

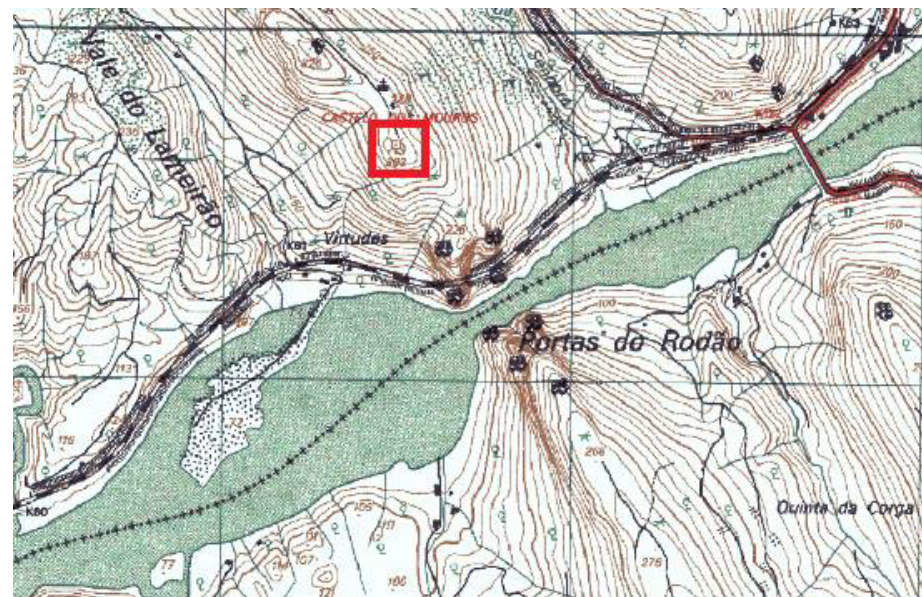


Figura 1. Localização do Castelo de Ródão sobre extracto da folha 314 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000. (Instituto Geográfico do Exército).

## 1. O Castelo de Ródão: breve síntese

O castelo de Ródão, como vulgarmente é designado, é também conhecido, localmente, por *Castelo das Vilas Ruivas*, *Castelo do Rei Vamba* ou

simplesmente *Castelo das Portas*. A mais recente edição da Carta Militar de Portugal identifica esta construção como *Castelo dos Mouros*, um modo desconhecido na tradição oral local. É uma estrutura militar implantada sobre o morro norte das Portas de Ródão e tipologicamente enquadrável no conceito de *torre de vigia* (Nunes, 1982) ligada a uma estrutura militar central. Neste documento será designado, de forma simplificada, como *Castelo de Ródão*.



Figura 2. Planta simplificada do Castelo de Ródão (Pires *et al.*, 2009).

O imóvel militar é composto por uma torre inscrita numa muralha fechada (Figura 2). Pela sua reduzida dimensão não integrou nenhuma povoação que também não se desenvolveu na sua envolvente próxima.

A torre é uma estrutura de planta rectangular (7,35m x 10,85m), sem cobertura, em alvenaria de quartzito e granito com argamassa. Tem cerca de 16m de altura, dividida em três pisos. A parede do piso térreo tem maior espessura, a qual diminui no 1º andar e ainda mais no 2º andar.

O orifício disforme observável no primeiro piso não existia na construção original e julga-se que foi aberto nos finais do século XIX para facilitar o acesso ao interior da torre. Originalmente a porta estaria no 1º andar, nível no qual existem três seteiras. O 2º andar seria pouco elevado e provavelmente descoberto.

O granito foi apenas utilizado na porta da torre e nos respectivos cunhais. Este material, considerado como pedra nobre em Ródão, pelas suas características intrínsecas e indisponibilidade local, tem os afloramentos mais próximos em Nisa, cerca de 11km a sul das Portas de Ródão, um granito porfiróide de grão grosseiro, de pouca qualidade para cantarias.

A muralha, de planta irregularmente elíptica e construída em rocha quartzítica local, apresentava dois panos adoçados, antes do restauro, e a torre (Figura 3) ocupa uma posição descentrada, para norte, dentro do espaço muralhado.





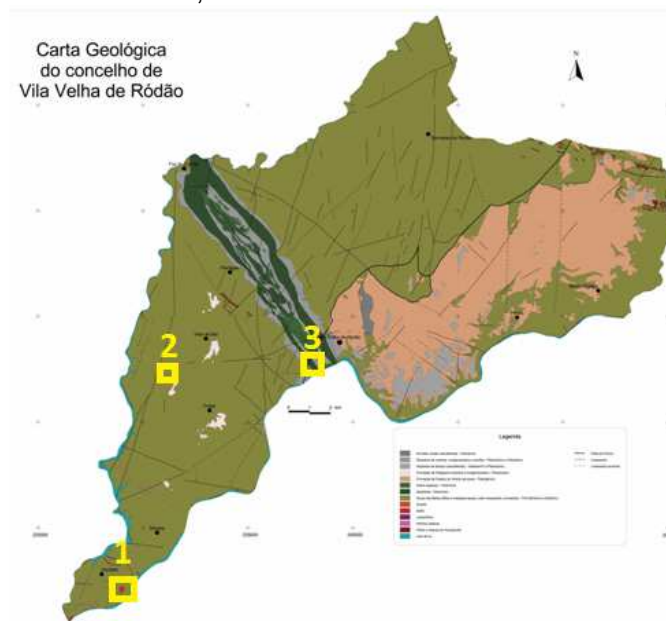
**Figura 3.** A torre do Castelo de Ródão, antes e depois do restauro.

A construção da estrutura militar remontará ao século XII e foi ocupada até aos primeiros anos do século XIX, altura em terá sido abandonada. No séc. XVIII foi utilizada como base de artilharia e integrada no teatro da Guerra dos 7 Anos (Henriques *et al*, 2011).

## 2. Origem do granito do Castelo de Ródão

Quando em 1984 procedíamos a uma campanha de prospecção na freguesia de Fratel, no concelho de Vila Velha de Ródão, (Henriques & Caninas, 1984) ouvimos dizer de um informante local que as pedras graníticas do Castelo de

Ródão tinham vindo do sítio do Castelejo de Gardete (Fratel, Vila Velha de Ródão) a mais de 14 km de distância em linha recta. Este local (Figuras 4, 5 e 6), sobrelevado em relação à área circundante (relevo residual de resistência), com vestígios de ocupação antiga, talvez datável da Idade do Bronze e de Época Medieval, é o único sítio no concelho onde ocorrem granitóides (aplito) com dimensão explorável. As manchas de rochas magmáticas intrusivas mais próximas situam-se a sul, em Nisa, a cerca de 11km de distância e a nordeste, na área de Castelo Branco, a 30km de distância.



**Figura 4.** Concelho de Ródão. Aplito de Gardete (1); Tapada Longa (2) e Castelo de Ródão (3), sobre carta geológica (adaptado de Carvalho *et al.*, 2006).

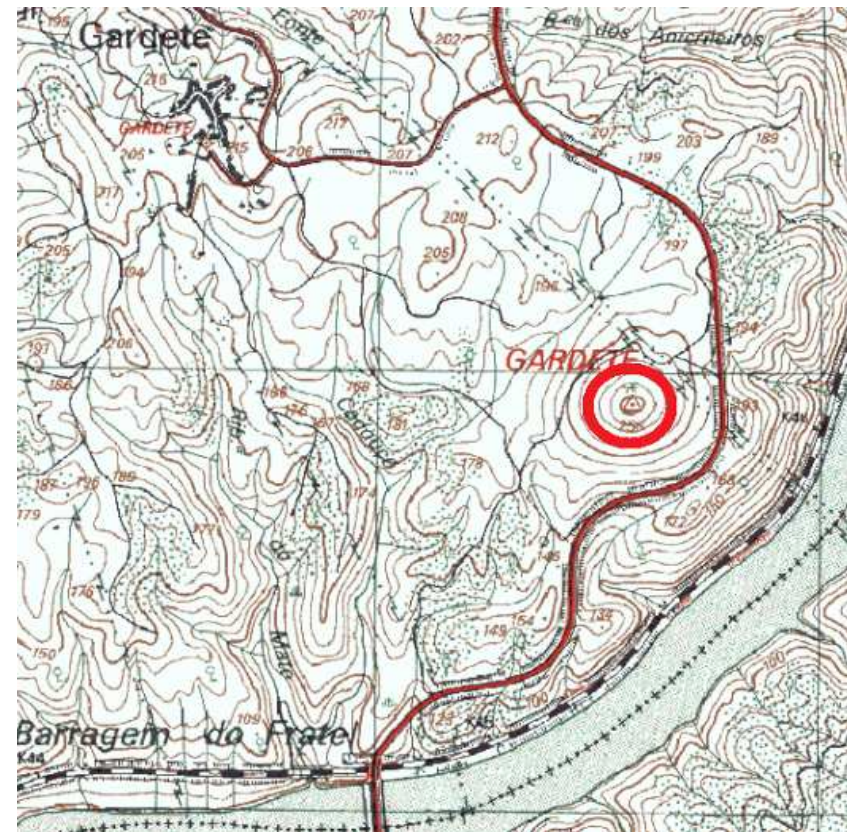


**Figura 5.** Panorâmica do aplito de Gardete denominado Castelejo, vista de Sul.

Para avaliar a hipótese registada na tradição oral, fez-se, numa primeira fase, a observação macroscópica do granito do Castelo de Ródão e do aplito de Gardete. Desta observação constatou-se que todas as cantarias do Castelo de Ródão são textural e mineralogicamente semelhantes tendo a mesma origem. Trata-se de um granito moscovítico de grão fino, com pouca mica como mineral acessório.

As amostras recolhidas em Gardete foram comparadas com as do Castelo de Ródão tendo-se concluído que tanto do ponto de vista textural (granito de grão fino - aplito - homogéneo) como mineralógico (ausência de biotite e proporção

de micas face ao quartzo/plagioclases), ambos os granitos são muito semelhantes. As fácies graníticas de grão fino são raras na zona e remetem para estruturas filonianas. Ainda mais raros são os granitos que não contenham as duas micas (biotite e moscovite).



**Figura 6.** Localização no aplito de Gardete sobre extracto da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000.(Instituto Geográfico do Exército).



Perante o resultado da observação macroscópica considerou-se exigível fazer uma comparação geoquímica das amostras de granito recolhidas nos dois locais (Castelejo de Gardete e Castelo de Ródão). Essa análise foi executada pelo Laboratório Hércules (Universidade de Évora) e encontra-se publicada nesta edição (Moita *et al.*, 2015).

De acordo com aquele estudo "a caracterização mineralógica através de análise petrográfica, DRX e química mineral mostra que existem algumas discrepâncias entre as Cantarias de Ródão e o Aplito de Gardete." É referido que "apesar das fortes semelhanças de campo encontradas entre as Cantarias do Castelo e o Aplito de Gardete", este último pode não corresponder à origem dos granitos aplicados no Castelo de Ródão. Contudo, de acordo com a bibliografia existente e as observações de campo, verificam-se diferenças mais acentuadas entre o granito do Castelo de Ródão e os complexos ígneos mais próximos (Nisa e Castelo Branco).

### 3. O bloco da Tapada Longa – Vale da Bezerra

Ainda em 1984, aquando da campanha de prospecção arqueológica já mencionada, obteve-se a informação da existência de uma pedra (Figuras 7 e 8) que, por motivo desconhecido, fora abandonada pelos "mouros" quando a tentavam transportar para o Castelo de Ródão. Esta ocorrência, de valor pelo

menos etnográfico, situa-se na Tapada Longa (Vale da Bezerra) e consta na Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão.

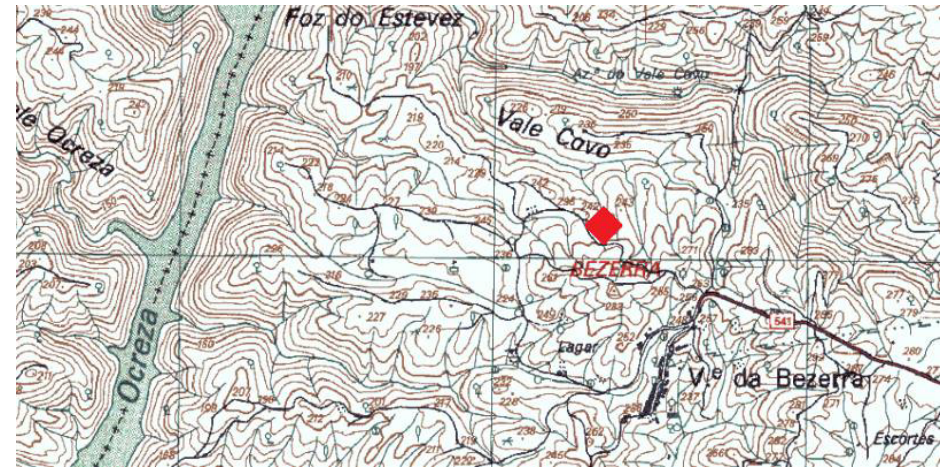


Figura 7. Localização do bloco da Tapada Longa (Vale da Bezerra) sobre extracto da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000. (Instituto Geográfico do Exército).

O bloco em apreço foi encontrado (1984) junto de um caminho rural que liga Vale de Bezerra ao rio Ocreza, através de uma extensa lomba. Depois de atravessar o rio a via dava trânsito pelo concelho de Proença-a-Nova. Actualmente, permanece no bordo norte do referido caminho. No passado, antes da reparação da via, estava no lado sul e em posição inversa à actual.

Refira-se que o bloco se encontra desviado alguns quilómetros, para norte, de um caminho antigo, com trilhos de carroças em alguns trechos, que percorria o centro do território de Fratel, pela linha divisória de águas dos rios Tejo e

Ocreza. Está portanto muito desviado da rota que ligava o Castelejo de Gardete ao sítio do Castelo de Ródão. Cremos que a via principal de acesso ao Castelo de Ródão, a partir da área de Fratel, passaria por Fratel, Peroledo, capela de Santo Amaro, Vilar de Boi, margem direita do ribeiro do Vale do Meio Dia, Vilas Ruivas e Castelo de Ródão. Outra hipótese era o transporte dos blocos (granito), destinados à construção da torre do Castelo de Ródão, se efectuar rio acima ou rio abaixo (no caso de serem provenientes de Castelo Branco). Esta hipótese é, no entanto, pouco viável atendendo à ausência de rochas aplíticas passíveis de terem sido exploradas na região de Castelo Branco e da necessidade de fazer chegar os materiais construtivos ao rio Tejo através de uma orografia sulcada de profundos barrancos que acompanham a escarpa de falha do Ponsul, a qual separa a Plataforma de Castelo Branco das margens do Tejo.

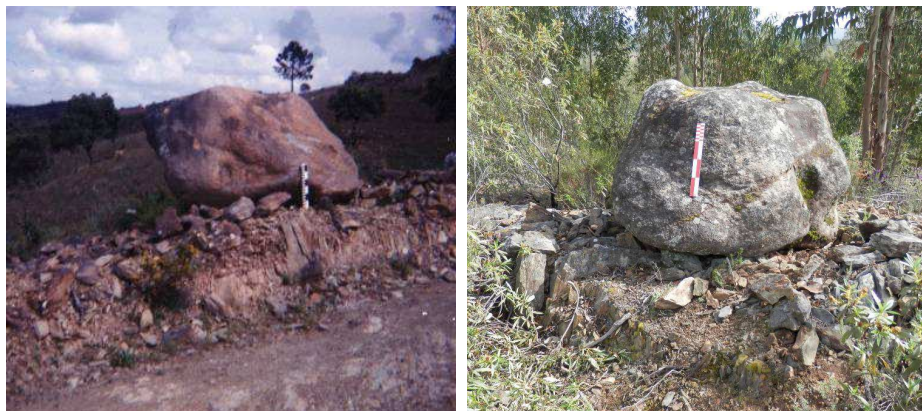


Figura 8. Bloco da Tapada Longa, em 1984 e em 2015

Do ponto de vista geológico a ocorrência de grandes cristais de biotite (mica negra) no bloco da Tapada Longa indica uma rocha de origem sub-vulcânica com uma composição mineralógica e textural distinta do Aplito de Gardete. Trata-se de um lamprófiro, rocha filoniana pertencente aos filões verticais do campo filoniano de Montalvão-Póvoa que atravessa a área, associados ao Complexo Eruptivo da Amieira do Tejo (Ribeiro *et al.*, 1993). Atingem espessuras de vários metros na zona. Os lamprófiros são rochas melanocratas (escuras), de granularidade fina a média e acentuada textura porfírica, neste caso constituída por megacristais de biotite com disposição aleatória e raros feldspatos potássicos. A matriz é composta por microclina, plagioclase e quartzo (Romão, 2006).

O bloco em apreço é volumoso (1,0m de altura, 1,6m de largura e 1,7m de comprimento), de superfície irregular mas boleada. Apresenta algumas cavidades relativamente regulares (duas cavidades são hemisféricas) e um friso em parte do seu perímetro. Estas irregularidades afiguram-se, aparentemente, naturais. Se o bloco foi carreado de um outro local o friso referido pode ter servido de elemento coadjuvante para tracção.

Dos sulcos incisos merece referência um conjunto de traços que parece definir um Z. O topo actual do bloco assemelha-se ao *focus* de uma ara, com uma área central rebaixada e quatro pequenas saliências ou “torres” a pontear os extremos de um espaço subquadrangular, sugerindo um pequeno altar rústico.



Perante estas características é legítimo perguntar se o bloco será proveniente do local mais elevado, onde se encontra hoje o marco trigonométrico *Bezerra*. Terá sido despenhado 125m para norte? De qualquer modo teve de ser transportado de local distinto daquele pois ali não existem filões cartografados na carta geológica e no v.g. *Bezerra* não existem afloramentos de rochas salientes como seria de esperar da erosão diferencial do lamprófiro em relação ao contexto xistente. Filões de lamprófiro estão assinalados no vale do Ocreza nas margens da albufeira da barragem de Pracana. A sua origem pode estar nas margens alcantiladas do rio Ocreza onde era possível observar os filões de lamprófíricos a destacarem-se, pela sua dureza, da mole xistente.

Coincidência ou não, segundo Moisés Espírito Santo (1988), *bezerra* significa, em língua hebraica (*bezwar*) pedra notável, pedra de culto.

#### 4. Tímpano da porta do Castelo de Ródão

Observando a entrada, a partir da base da torre, constata-se que o tímpano (Figura 9) é formado por dois blocos de granito. O bloco superior tem pequenas dimensões, configuração triangular, abatida e superfície mais irregular que a do bloco inferior. A superfície deste último parece evidenciar um acabamento melhorado comparativamente com o bloco superior e com as cinco aduelas.

O bloco inferior tem como matéria-prima granito de grão fino. Integra duas falsas aduelas laterais que assentam sobre a imposta. Qualificamo-las como falsas porque fazem parte do mesmo bloco que o lintel, ainda que separados deste por um sulco pouco profundo e na continuidade das restantes aduelas que formam o arco, em ogiva pouco pronunciada.

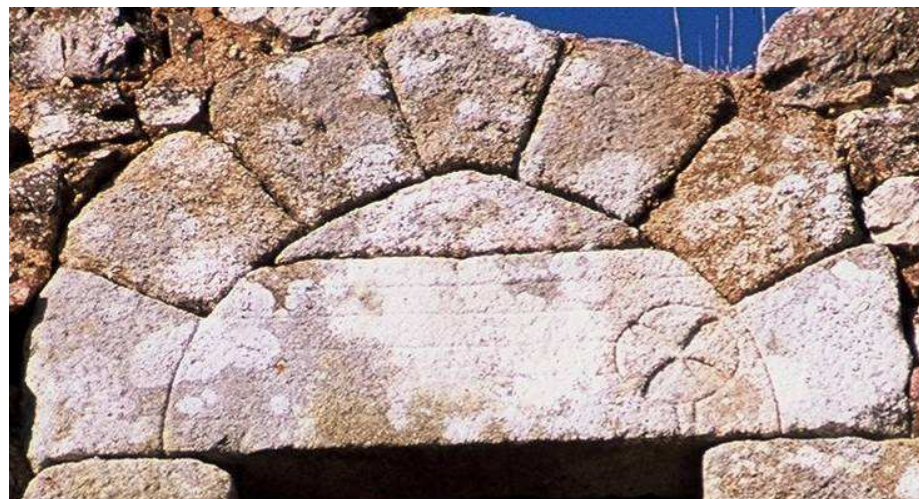


Figura 9. Tímpano da porta do Castelo de Ródão

Na superfície do lintel foi gravada, à direita do observador, a cruz da Ordem do Templo, e cinco incisões lineares, equidistantes, que criam quatro regras, para acolhimento de uma inscrição. A presença desta paginação sugeria que tivesse havido uma inscrição, severamente erodida, dado não ser visível por observação directa. A sua inexistência foi referida anteriormente (Barroca, 2000:112). De facto, a superfície foi preparada para receber inscrição, foram

marcadas as regras mas não recebeu texto. É um dos três casos referidos em Portugal por M. Barroca (2000:112).

Contudo, importava recorrer às actuais técnicas de representação fotogramétrica para confirmar a inexistência de vestígios, mínimos que fossem, de um inscrição, iniciada mas não concluída, ou apagada. A aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico por um dos signatários (HP), em 2015, permitiu confirmar definitivamente a ausência de inscrição em qualquer das variantes indicadas.

Este método tem-se revelado eficaz no apoio à leitura de inscrições em situações similares de erosão acentuada dos suportes pétreos (Pires *et al.*, 2014). Consiste na classificação e filtragem morfológica de modelos tridimensionais baseados em nuvens de pontos. No presente caso, o modelo foi realizado através de técnicas de fotogrametria digital, tendo-se recolhido em campo sequências de fotografias digitais cobrindo a área de estudo. Estas imagens possibilitaram a construção de um modelo com uma resolução espacial de 0,3 mm o que permitiu replicar virtualmente a superfície do tímpano com significativo detalhe morfológico (Figura 10).

Seguidamente efectuou-se o cálculo do MRM. Esta técnica, desenvolvida desde 2008 por um dos signatários (Hugo Pires), utiliza algoritmos de classificação e filtragem do micro-relevo da superfície que permitem detectar os mais subtis vestígios morfológicos e contrastá-los através de um código de cores.

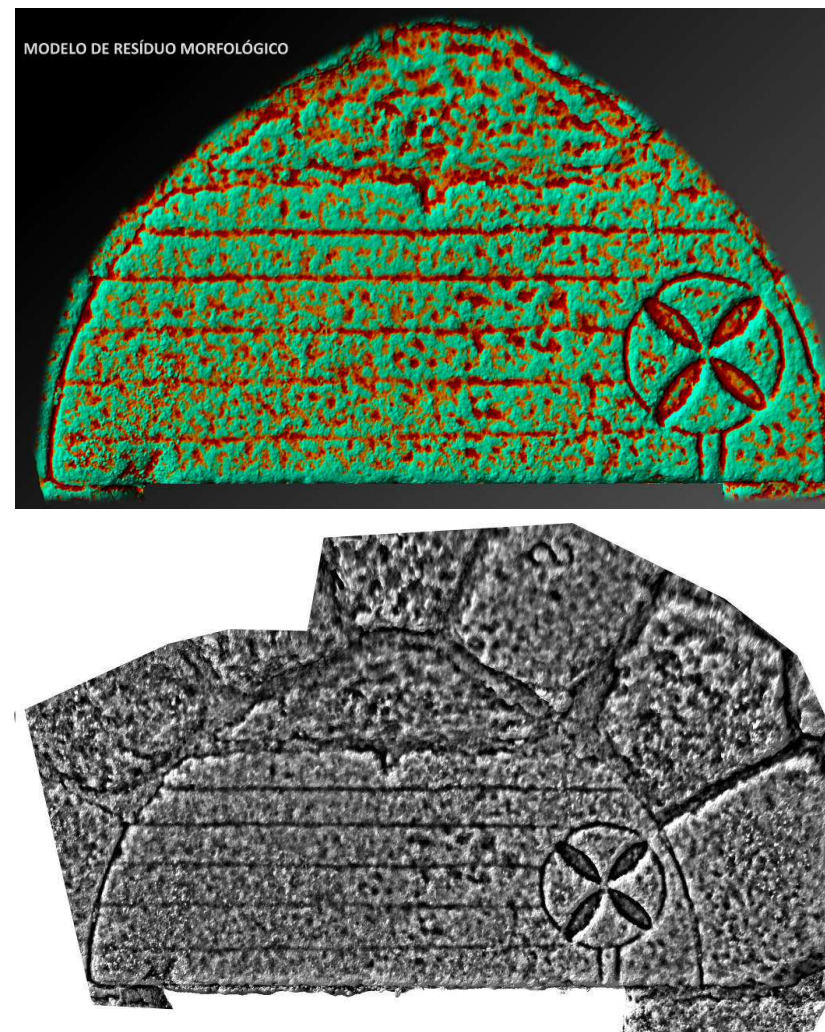


Figura 10. Duas imagens com pormenores do tímpano anepígrafo da porta do Castelo de Ródão, obtidas através do Modelo de Resíduo Morfológico.



Os resultados da aplicação do MRM a sítios e objectos arqueológicos de diversas origens e características têm demonstrado que, mesmo em casos onde a erosão aparenta já ter eliminado os últimos testemunhos de acção antrópica, existem ainda nas superfícies ténues vestígios que nos podem ajudar a reconhecer as antigas formas. O processamento do MRM não revelou nenhum carácter alfabético, permitindo concluir que aquela peça não chegou a ser epigrafada.

Coloca-se ainda a hipótese da inscrição poder ter sido pintada, como na Ermida de Paiva (Barroca, 2000:114).

O mesmo não aconteceu ao tímpano do castelo de Idanha-a-Velha, contemporâneo deste e também pertencente à Ordem do Templo. Este apresenta-se totalmente preenchido com uma inscrição distribuída em cinco linhas. A transcrição e a leitura de D. Fernando de Almeida (1956:245, 246) é a seguinte:

“ERA MCCLXXXIII, REX SANTIUS, MAGISTER TEMPLI MARTINUS MARTINI PERCALCAVIT VILA EGITANIA R. PETRI COMENDATOR”

Na era de César de 1283 (ou seja 1245 da era de Cristo), no reinado de D. Sancho II, o Mestre do Templo Martim Martins entrou na posse da vila da Egitânia, sendo comendador R. Pedro



Figura 11. Tímpano da porta do 1º andar da torre de Idanha-a-Velha. Decalque de D. Fernando de Almeida (1956).

A cruz exarada na porta do Castelo de Ródão, segundo a correspondência electrónica estabelecida com o prof. Mário Barroca “é uma cruz de braços curvos inserta num círculo, tipologia comum nas cruzes de sacração românicas, dos séc. XII e XIII... Trata-se de uma cruz com pé-alto, isto é, trata-se da representação das cruzes utilizadas nas procissões, as chamadas cruzes alçadas”. Esta qualificação de cruz processional está bem evidenciada no Castelo de Ródão pelas duas incisões paralelas verticais gravadas entre a cruz e o bordo inferior do lintel.

No Castelo de Tomar observam-se gravações idênticas (Figura 12) mas excessivamente afastadas. No tímpano do portal do Mosteiro de São Cristóvão do Rio Mau essa representação é muito realista observando-se o seu desenvolvimento em vara curta, gravação que sobrepõe o corpo do zoomorfo gravado em posição subjacente (Figura 12) o qual sustém a referida vara com a pata esquerda passando sob o corpo.



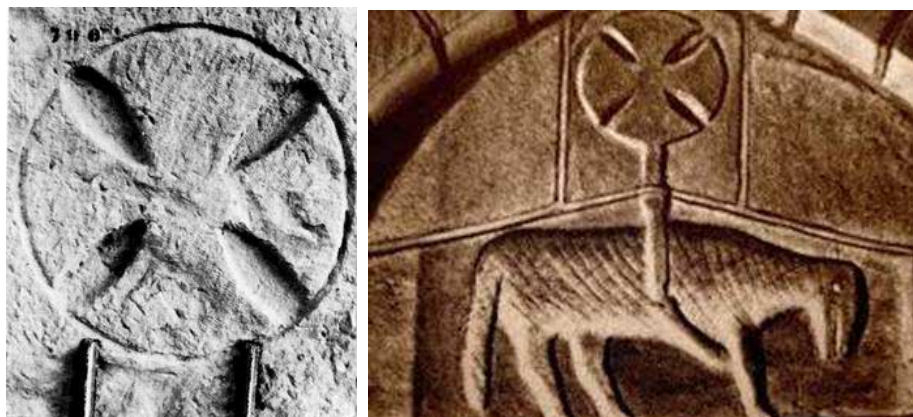


Figura 12. Cruz templária no Convento de Tomar e idêntica representação no portal do Mosteiro de São Cristovão de Rio Mau.

## 5. Marcas de canteiro do Castelo de Ródão

A torre do Castelo de Ródão e a muralha envolvente são constituídas, fundamentalmente, por dois tipos de rochas, quartzito, sob o qual a estrutura militar foi implantada, e granito. O granito foi utilizado exclusivamente na moldura da entrada e nos cunhais na torre.

As marcas de canteiro, um tipo de grafismo muito comum em construções medievais, foram apenas observadas na entrada, ainda que tenham desaparecido muitos cunhais originais.

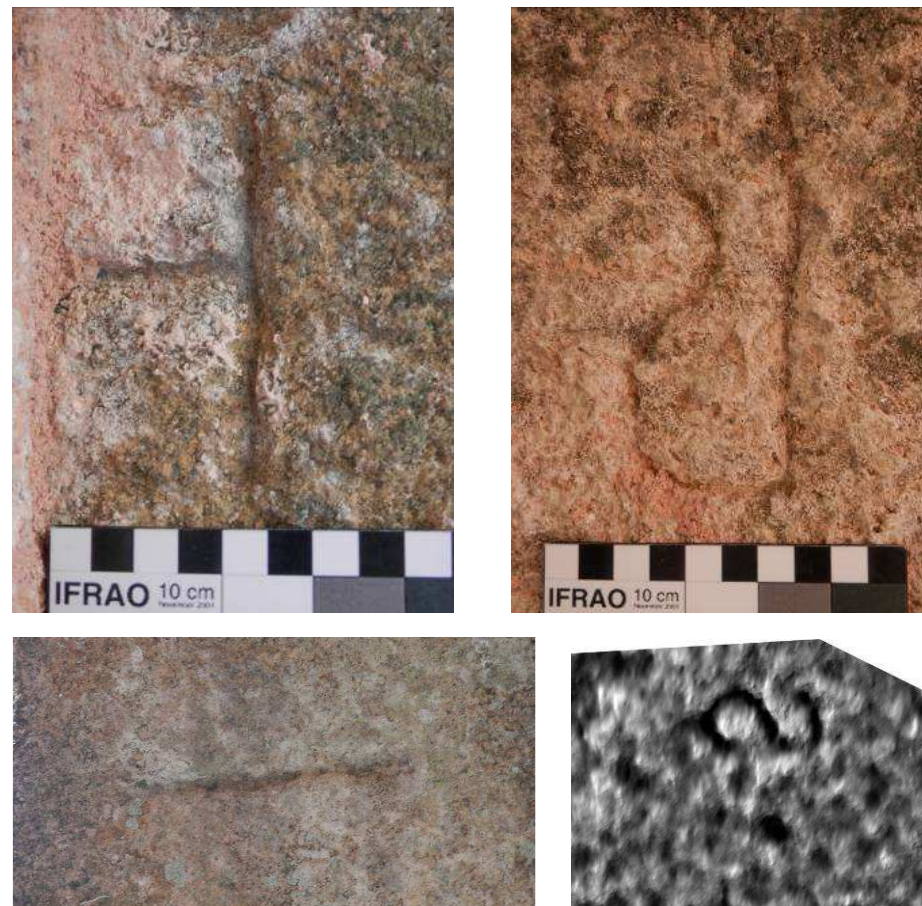


Figura 13. Marcas de canteiro observadas na torre do Castelo de Ródão. De cima para baixo e da esquerda para a direita: T, R, I e S (esta última sobre imagem MRM).

Foram contabilizadas oito marcas de canteiro, assim distribuídas: uma no exterior, numa aduela ao lado da chave do arco, no flanco nascente; duas no

lado interior, em aduelas, uma do lado nascente e outra do lado poente; cinco no intradorso, duas no lado nascente e três no lado poente.

Foram documentados quatro diferentes tipos de marcas, maioritariamente alfabéticas. Duas em forma de S (lado exterior e lado poente do intradorso); três com forma aproximada a R (duas no arco da entrada no lado interior da torre e uma no lado poente do intradorso); duas consistindo em sulco rectilíneo, de dimensões diferenciadas, ambas do lado nascente do intradorso e por último uma com a configuração de H ou T, parcialmente encoberta pela argamassa colocada no recente restauro e no lado poente do intradorso.

## Agradecimentos

Ao Professor Doutor Mário Barroca pelos esclarecimentos prestados acerca da cruz templária. Ao Professor Doutor José Mirão, à Doutora Patrícia Moita e ao Doutor Luis Dias, do Laboratório Hércules (Universidade de Évora), pela colaboração no estudo do Aplito de Gardete.

## Créditos fotográficos da figura 12

<http://www.dightonrock.com/infelizmenteosportuguesesnaosabe.htm>

## Bibliografia

Almeida, F. de (1956). Egitânia - História e Arqueologia, Lisboa.

Barroca, M. J. (2000). Epigrafia Medieval Portuguesa, (862-1422), vol. 1, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.

Caninas, J. & Henriques, F. (1988). Proposta de classificação como conjunto de valor regional o Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo – 9. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão.

Caninas, J.; Henriques, F. & Gouveia, J. (1997). O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo. Ibn Maruan, 6. Câmara Municipal de Marvão. Marvão p. 183-205.  
[http://www.academia.edu/10324917/O\\_CASTELO\\_DE\\_R%C3%93D%C3%83O\\_E\\_A\\_CAPELA\\_DA\\_SENHORA\\_DO\\_CASTELO\\_VILA\\_VELHA\\_DE\\_R%C3%93D%C3%83O](http://www.academia.edu/10324917/O_CASTELO_DE_R%C3%93D%C3%83O_E_A_CAPELA_DA_SENHORA_DO_CASTELO_VILA_VELHA_DE_R%C3%93D%C3%83O)

Carvalho, N., Cunha, P. P., Martins, A. & Tavares, A. (2006). Caracterização geológica e geomorfológica do concelho de Vila Velha de Ródão. Contribuição para ordenamento e sustentabilidade municipal. Açafa, 7, 73 p.

Espirito Santo, M. (1988). Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa seguido de Ensaio sobre Toponímia Antiga, Assírio & Alvim, Lisboa.

Gomes, R. C. (2001). Castelos da Raia, 1 (Beira): Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa: 157 p.

Henriques, F. & Caninas, C. (1984). Relatório da campanha arqueológica realizada pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica de 19 a 25 de Abril de 1984 na freguesia de Fratel. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão, inédito.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Sabrosa, A.; Henriques, F. & Gouveia, J. (2011). As estruturas militares da Serra das Talhadas na passagem de Ródão (Vila Velha de Ródão e Nisa). Arqueologia do Norte Alentejano - Comunicações das 3ª Jornadas. Edições Colibri / C. M. de Fronteira. Lisboa: 311-332.

[http://www.altotejo.org/acaфа/docs/Estudos\\_e\\_Trabalhos/Estruturas\\_Militares\\_de\\_Rodao.pdf](http://www.altotejo.org/acaфа/docs/Estudos_e_Trabalhos/Estruturas_Militares_de_Rodao.pdf)

Nunes, A. (1982). Torres de Vigia da Beira Baixa. Livro do Congresso, I Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses (Vila Viçosa, 6 a 9 de Outubro). Património XXI. Lisboa, p.44-49.

Moita, P.; Dias, L.; Mirão, J. & Neto de Carvalho, C. (2015). Análise petrográfica e química mineral do "Aplito de Gardete": origem das cantarias do Castelo de Ródão? Açafa on line, 10 (2015). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 13 p. [www.altotejo.org](http://www.altotejo.org)

Oliveira, N. V. (2010). Castelos Templários em Portugal. Ésquilo, Lisboa: 799p.

Pires, H.; Gonçalves Seco, L.; Fonte, J.; Correia Santos, M. J. & Sousa, O. (2014). Morphological Residual Model: a tool for enhancing epigraphic readings of highly eroded surfaces. Information Technologies for Epigraphy and Cultural Heritage. Studi Humanisti - Serie Antichista, Sapienza Università Editrice: 133-144.

Pires, J. M.; Caninas, J. C.; Henriques, F. & Gouveia, J. (2009). Projecto Vamba - Valorização do Castelo de Ródão, da Capela da Senhora do Castelo e Zona Envolvente. Comunicação no Colóquio "Arqueologia e Geologia em Ródão" (26 de Junho de 2009). Vila Velha de Ródão.

[https://www.academia.edu/13281661/PROJECTO\\_VAMBA\\_Valoriza%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Castelo\\_de\\_R%C3%B3d%C3%A3o\\_da\\_Capela\\_da\\_Senhora\\_do\\_Castelo\\_e\\_Zona\\_Envolvente](https://www.academia.edu/13281661/PROJECTO_VAMBA_Valoriza%C3%A7%C3%A3o_do_Castelo_de_R%C3%B3d%C3%A3o_da_Capela_da_Senhora_do_Castelo_e_Zona_Envolvente)

Ribeiro, M. L.; Palácios, T. & Munhá, J. (1993). O Complexo Eruptivo da Amieira do Tejo e sua diversidade petrogeoquímica. Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro, 79: p. 3-13

Romão, J. C. (2006). Notícia Explicativa da Carta Geológica de Mação (28- A). INETI, Departamento de Geologia, 75pp, 5 fig.

VV AA (2001). Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500) Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Lisboa, edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, 2001.